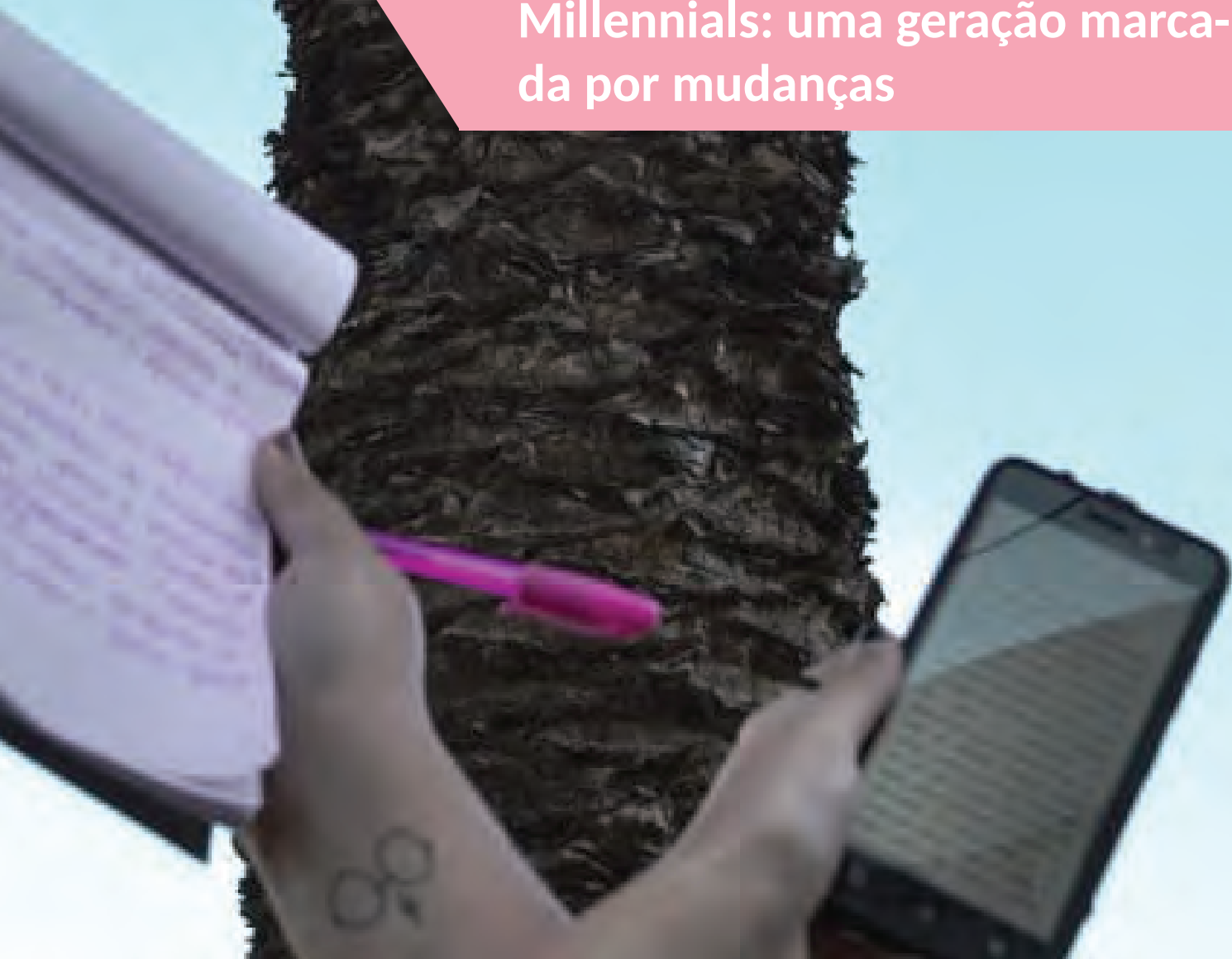


REVISTA ALPHORRIA

Projeto experimental de impresso dos acadêmicos do oitavo semestre do curso de jornalismo/2018

Millennials: uma geração marcada por mudanças



INSCRIÇÕES ABERTAS

PÓS GRADUAÇÃO

INFORMAÇÕES:

(53) 3242 8244 - Ramal 210
posgraduacao@urcamp.edu.br

+15
CURSOS
PÓS-GRADUAÇÃO
CONSULTE-NOS!

VOCÊ PREPARADO
PARA ENFRENTAR
AS MELHORES
OPORTUNIDADES.

CURSOS

Auditoria e Gestão em Saúde (MBA)
Ciências Criminais na Sociedade Contemporânea
Contabilidade, Controladoria e Gestão de Negócios
Contabilidade e Gestão Tributária
Controladoria e Gestão de Finanças
Cuidados Paliativos
Dependência Química: um enfoque interdisciplinar
Docência do Ensino Superior
Educação e Gestão Ambiental

Forrageiras
Gerência e Segurança de Redes de Computadores
Gestão da Construção Civil
Gestão de Negócios
Gestão do Agronegócio
Orientação e Supervisão Educacional
Psicopedagogia
Saúde da Família

CAMPUS:

Bagé – Alegrete – Santana do Livramento – São Gabriel



SUMÁRIO

A geração que não tem pressa em deixar o ninho 5

Família eh! Família ah! Família! 6

Ansiedade e depressão: o mal da geração millenium 8

Construindo uma nova fé 12

Millennial: dominantes ou dominados? 14

Nos embalos da geração millennial 16

A violência nossa de cada dia 17

Novas empresas proporcionam uma verdadeira aula de marketing 20

Influencer Digital: a profissão do momento 22

De geração perdida a problematizadores: entenda como os millennials tornaram-se a geração da militância 24

As tendências que a geração millennial mais ama 27

Curiosidades da geração millenium 29

Novos olhos, mesmas letras 30



EDITORIAL

Tradicionalmente, a revista Alphorria é produzida pelos acadêmicos do oitavo semestre do curso de Jornalismo daquele ano. O projeto tem como intuito proporcionar aos estudantes a prática do que é aprendido na teoria acerca deste meio de comunicação, durante os 4 anos de curso.

O desenvolvimento da revista possibilita executar todo o aprendizado de texto, fotos, diagramação e editoração, mas requer a inovação de recursos e produção na elaboração de cada projeto experimental de impresso.

A escolha de um tema central é um desafio para uma turma grande que possuem gostos e afinidades distintas, onde há quem mande bem na produção de textos ou nas entrevistas, na fotografia, diagramação, entre outras tarefas, em que até mesmo a definição da pauta torna-se relevante para a dedicação e o resultado final de cada tarefa.

Em meio ao que os diferencia, as características fortes que marcam a sua geração, tem o poder de unir qualquer turma com gostos diferentes. Independente de editoria, o uso da tecnologia e da internet, por exemplo, aproxima as práticas de colegas que pertencem a uma geração bem característica. Pautar a geração Y nos proporciona unificar diversos nichos em peculiaridades que nos tornam representantes de um grupo só, os milleniuns. E assim, a partir de cada preferência, aptidão ou gosto, surge a oportunidade de aproximar também leitores que por ora podem se identificar com os dilemas desta geração ou ainda, compreender o porquê das suas atitudes não se encaixarem em determinados grupos geracionais.

Explore a visão dos milênios sobre os comportamentos que marcam os aspectos, mudanças e conceitos desta geração. Boa leitura!

EXPEDIENTE

Glauber Pereira
Coordenador do
curso de Jornalismo



Cristiane Pereira
Orientadora
do Projeto



Ana Tailise Estevão
Diagramação



Washington Mogica
Diagramação



Matheus Medeiros
Editor



Willians
Colaboração



Alessander Alves
Fotos



Paola Manke
Fotos



Fábio Quadros
Fotos



Dhêscia Vidikin
Fotos



O EFEITO “GERAÇÃO MILLENNIALS” –2 – FRAGILIDADE DA CRÍTICA

Por Sidney Oliveira
Expert em conflitos de gerações

Um dos aspectos mais visíveis nos jovens da “geração millennials”, é a facilidade que possuem em argumentar e até mesmo apontar problemas quando estão diante de alguma situação que represente o risco de prejudicá-los diretamente. Esse é um talento que resulta em grande parte, da “super-nutrição de informações” que eles estão submetidos nas mídias sociais.

Essa condição não está restrita ao jovem, afinal todos os indivíduos, independente da idade, podem usufruir dessa evolução social provocada pela Internet e suas infinitas possibilidades. Contudo, é inegável que são os jovens que melhor sabem, como acessar o infinito universo de dados que permitem estabelecer referenciais de comparação muito eficazes, por isso a extraordinária capacidade de crítica e retórica que observamos nos “millennials”.

Tal cenário é tão evidente, que as empresas e seus gestores já não consideram o jovem, apenas uma força de trabalho novata e portanto, mais barata. Tudo está se transformando, contudo ainda não está muito claro, quais são os novos pilares que sustentarão a nova realidade de gestão.

A busca por engajamento e a retenção de jovens profissionais agora é tão prioritária quando a gestão do negócio e o foco nos resultados, mas mesmo assim, esse fator não representa ainda, ações práticas e eficazes no aproveitamento de todo potencial de inovação e produção que os jovens podem realizar.

Chega a ser um paradoxo que a maior quantidade de indivíduos desocupados ou desempregados estão justamente na faixa de 18 a 24 anos (25,9% em 2017 – IBGE) , quando justamente deveríamos estar observando o pleno emprego de todo potencial produtivo que a geração mais preparada da atualidade deveria representar.

Isso significa que há um desafio educacional sem precedentes.

Como veteranos, erramos nas últimas duas décadas, ao dedicar muita energia apenas em qualificar os mais jovens em competências, fornecendo todo tipo de acesso a informações, treinamentos e formações teóricas. O erro foi justamente negligenciar o desenvolvimento das atitudes, provocando o surgimento de uma geração frágil e completamente dependente da mesma tecnologia que deveria ajudar a ampliar, de forma exponencial, todo potencial dos jovens millennials.

O resultado é que hoje, sem muito esforço, encontramos jovens ambiciosos, declarando seus sonhos e expectativas nas redes sociais, mas que agem de forma indiferente ou omissos diante dos desafios, aguardando algum tipo de solução colaborativa que alguém deveria estar apresentando. Não há mais dúvidas de que os jovens estão alterando e irão continuar transformando completamente o mundo, mas precisamos entender que isso está acontecendo justamente por causa dos comportamentos e expectativas deles, por isso não se pode mais, negligenciar o desenvolvimento das atitudes dessa geração.

Aprender a lidar com as frustrações, desenvolvendo a resiliência necessária nesse mundo em transformação, deve ser uma das principais buscas que o jovem deve promover em sua vida, pois assim alcançará a maturidade e autonomia para lidar com suas escolhas e seus propósitos.

A geração que não tem pressa em deixar o ninho

A chamada geração do milênio, ou millennials, é o termo escolhido para identificar as pessoas nascidas entre os anos 1980 e 2000. As características deste grupo são bem diferentes de outras gerações, como o padrão de consumo, mas principalmente em relação ao comportamento.

E por falar em comportamento, um dos aspectos que podem ser facilmente observados nessas pessoas é a demora dos filhos em deixar a casa dos pais. Essa situação pode ser considerada como uma dificuldade em deixar o conforto que o lar materno e paterno pode oferecer para um indivíduo adulto.

O psicólogo Saulo André Eich explica que fatores psicológicos podem influenciar nessa decisão, mas não são os principais responsáveis por isso. “Penso e identifico que os principais motivos que levam os filhos a ficarem por mais tempo morando com os pais, estão relacionados a uma nova configuração de vida desses jovens adultos em relação a jovens adultos de outra geração. Antes, o casamento e o trabalho eram as duas prioridades na vida de quem chegava a vida adulta, hoje parece haver uma mudança nessa configuração”, diz.

O profissional ainda ressalta que a criação dos pais pode ser um fator de influência

para a tomada desta decisão. “Penso que a forma como esses filhos foram educados e criados pode refletir no fato de permanecerem morando com os pais na vida adulta sim, principalmente quando não se é trabalhada a autonomia desses filhos de maneira correta na infância e adolescência. A tendência é de que ele se torne um adulto mais dependente dos pais, material e emocionalmente”, conta Saulo.

No caso de Artur Assunção, 24 anos, os pais apoiam a permanência dele em casa. O jovem ainda garante que a vida morando sozinho até seria possível, mas traria problemas que não valem o esforço. Adriana Barbosa, de 34 anos, também pensa dessa forma e ainda acrescenta um obstáculo que, na opinião dela, seria difícil de ultrapassar: “Se sustentar a gente consegue, mas com o salário mínimo a gente apenas se sustenta”.

Pessoas com idades variadas cada vez mais optam por permanecer vivendo com os parentes. Em alguns casos é para evitar despesas extras. Outros, para cuidar de mães e pais e que estão chegando a uma idade avançada.

A verdade é que hoje a vida impõe um preço tão alto e um ritmo tão pesado para os adultos, que todos precisam gritar por um “colo de mãe ou pai” para tornar o dia a dia mais leve.



Victória De Leon



Foto: Dhésica Vítkin



Família eh! Família ah!

Família!

O significado da palavra família quando pesquisada na Internet significa grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto e como exemplo há um pai, uma mãe e filhos. Mas com o passar dos anos foi-se percebendo que família vai além de morar junto e ter o mesmo sangue. Nos dias de hoje, se pesquisar “novo conceito de família”, o resultado será esse: “No que se refere ao conceito de família pode-se afirmar que esta é constituída de pessoas unidas por relações de afeto independente de um parentesco genético, uma vez que o modelo tradicional de família se modificou e laços familiares podem ser construídos com a convivência”. Nesse texto iremos abordar três casos que fazem parte desse novo conceito.



Willian Rodrigues

Viver sozinho não é sinônimo de ser sozinho

Nos dias de hoje muitos jovens não pensam em casar e ter filhos como a sociedade antiga exigia, muitos se encontram felizes solteiros ou apenas vivendo junto de seus parceiros (as). É o caso do jovem de 21 anos, gay assumido, estudante de tecnologia de alimentos, Êlder Pacheco. Muito bem resolvido sobre o que queria para o seu futuro, a vida lhe trouxe surpresas que o mesmo não estava esperando.

Êlder declara que felicidade para ele é conquistar seus sonhos, ser bem sucedido

na profissão que ama. Sem que a felicidade dele dependa de um outro alguém, mas sim apenas do seu esforço e dedicação.

Com uma reviravolta do destino, o garoto, com ajuda de sua mãe, cria seus dois sobrinhos após a mãe deles decidir ir embora e deixar as crianças sob seus cuidados. O rapaz “se vira” tentando conciliar a vida acadêmica, cuidar de seus dois sobrinhos, Eliezer, de 4 anos, e Lívia, de 1, e também manter sua vida social.

“No início foi difícil, pois estou na graduação. Minha mãe que já tem mais idade

cuida durante o dia e eu cuido das 17h até o outro dia de manhã. No início achava que não conseguiria e que teria que desistir de algo, pois não foi fácil passar a madrugada em claro com ela (sobrinha) de sete meses e ter que acordar às 6 horas da manhã pra ir pra faculdade”, conta.

Antes o jovem rapaz não imaginava ter uma família, mas com esse acontecimento tudo mudou. Hoje, com seus sobrinhos maiores, Êlder afirma não pensar no futuro, mas que fará de tudo para vê-los felizes.

Em tempos sombrios, encontra-se amor

A adoção por casais do mesmo sexo no Brasil é legal de acordo com o Superior Tribunal de Justiça (STJ), conforme declarado em decisão judicial em 27 de abril de 2010. A mudança foi um marco na história dos LGBTQs do país.

O casal Murian Ribeiro, de 30 anos, e Rodrigo Borges, de 32, estão juntos há quatro anos e nesse tempo decidiram que queriam apadrinhar uma criança, ou seja, você se cadastra em um abrigo e logo em seguida você passa a ter um

convívio com ela, porém o pequeno ainda continua morando no local, sai apenas nos fins de semana. São crianças que não foram adotadas e a idade é a partir de sete anos, faixa etária em que a probabilidade de encontrar um lar é mais baixa, já que a grande maioria prefere recém nascidos. Com o passar do tempo, eles decidiram que era hora de ter filho e então entraram com o pedido de adoção dos dois garotos nos quais eram padrinhos.

Ao ser questionado sobre sofrer preconceitos, Murian relatou que nunca aconteceu, apesar de saber que existe. “Com eles está tudo correndo tranquilamente, apenas curiosidades dos colegas de aula, já que são pré-adolescentes e um tanto curiosos, mas nada além disso. Nós não somos família porque nós somos gays e temos dois filhos, nós somos família porque o que nos une é o amor e o que une qualquer família é o amor, não interessa por quem ela é formada”, explica.

Mãe solteira, não. Mãe solo!

Maternidade não tem nada a ver com o estado civil. O termo mãe solo é a forma correta para denominar uma mãe que é a única ou a principal responsável pela criança. Ser mãe já não é tarefa fácil, ser mãe solo pode ser ainda mais desafiador.

No Brasil o número de mães solas é muito alto, principalmente entre as adolescentes. Foi o caso de Janete Astris (42), que aos 19 anos engravidou de sua primeira filha e acabou sendo abandonada pelo parceiro que não aceitou a gravidez. Com o apoio de seus pais, Janete enfrentou todo o preconceito e julgamento que na época era muito maior.

Ana Tailise (23), filha de Janete, conta que muitas vezes se culpou, culpou a mãe e todo resto da família pelo abandono, o que é normal acontecer com crianças que

passam por isso. Ana foi criada pela mãe e seus avós e conta que desistiu de procurar o pai, apesar dela já ter tido contato com parte da família paterna, que discordam totalmente da atitude do mesmo sobre o abandono.

“Eu lembro de procurar ele quando eu era pequena, queria saber quem era quando a minha mãe me contou tudo o que tinha acontecido. Eu queria ir atrás, conversar, entender o porquê de que ele não vinha, não me procurava. Eu ia pra casa de uma amiga que morava na frente da casa dele e esperava ele sair na rua. Todas as vezes ele ignorou”, relata.

Sobre a sua criação, Ana afirma que todos sempre foram muito sinceros com ela, sempre tentando ensinar o certo. Também contou que havia muito preconceito com

sua mãe pelo fato de ser mãe solo, que quando era criança acabava não percebendo, mas que hoje tem a noção dos acontecimentos.

“Lembro da cara das pessoas quando a minha mãe ia ver apresentação do dia dos pais, tipo ‘o que essa mulher tá fazendo aqui, não tem pai essa criança?’ É triste tu pensar em tudo que ela passou, porque o cara não quis assumir responsabilidade nenhuma, ele em nenhum momento sequer pensou que o abandono dele poderia prejudicar a mim ou a minha mãe”, desabafa. Para Ana, a falta do pai influenciou para mostrar que a vida não é tão fácil, que existe muita desigualdade e muita injustiça na questão de ser mãe solo, porque você não lida apenas com a falta do pai, mas também com o julgamento das pessoas.



Ansiedade e depressão: o mal da geração millenium

A geração Millenium tem o maior índice de pessoas com depressão do que as outras gerações, segundo o estudo da BDA - Morneau Shepell. Um em cada millenial sofria de depressão nos Estados Unidos em 2015. Essa geração começou junto com o desenvolvimento de novas tecnologias como computadores, celulares, tablets e Internet, estando conectados ao mundo. Com isso, veio as expectativas e a cobrança de um certificado, profissão, carreira e finança estável. Com toda essa pressão da sociedade em cima dessa geração, também conhecida como Y, a ansiedade também veio à tona.

Depressão e ansiedade podem estar interligadas. Muitos estudos dizem que um paciente diagnosticado de depressão, em 2% dos casos pode passar por quadro de ansiedade e o paciente diagnosticado por ansiedade, tem 24% de chance de passar por depressão. Dessa maneira é muito importante procurar ajuda de um especialista.

A medicina ainda tenta entender a ligação entre a mente e o corpo para descobrir as causas e fatores da ansiedade e da depressão. Essas doenças são dois problemas de saúde mental, apresentando uma série de desafios emocionais e funcionais.

Vamos entender o que é ansiedade

No Brasil, uma em cada cinco pessoas sofre de ansiedade, estando no topo dos transtornos. Ela é caracterizada por sintomas físicos, emocionais e comportamentais que criam sensações desagradáveis que são tipicamente descritas como medo, preocupação, inquietação e pânico. Quando se torna excessiva, ela pode cair na classificação de transtorno da ansiedade. Quando ela passa a atrapalhar, se torna patológica, pois traz prejuízos a sua saúde e baixa o seu desempenho.

Os sintomas são intensos e aparecem

como medos exagerados, fadiga, tensão muscular, dificuldade de engolir, tremedeira, irritabilidade, suor, dificuldades para dormir, dificuldade de concentração, problemas sexuais, entre outros. Essas sensações geralmente vêm associadas à dor física como o mal estar, dor de cabeça, dor de estômago, aperto no tórax, palpitações, inquietação.

A ansiedade é próxima da preocupação, sendo assim é um aspecto do medo, ela é uma resposta do sistema nervoso, que age como um reflexo do nosso pensamento,

quando algo não sai como a gente quer.

“A ansiedade pode causar aperto no peito. Primeiramente, a pessoa tem que ir no médico, porque a dor pode ser oriunda de outra causa. Se não for, ela tem que começar com um tratamento psicológico, para entender o sentimento que tem e porque está sentindo isso, junto com uma interação com medicação. O tratamento depende da própria pessoa e da ajuda que ela sente do próprio ambiente onde vive”, explica o psicólogo Regis Brito.





Vamos falar sobre depressão?

É um transtorno que afeta mais de 350 milhões de pessoas no mundo. No Brasil ela tem aumentado a cada ano, e agora, uma a cada dez pessoas sofre dessa doença. Ela é caracterizada pela baixa energia e humor, baixa autoestima e falta de interesse ou prazer em atividades normalmente prazerosas, sendo um grande fator de risco para o suicídio. “Tem gente que acha que o depressivo quer aparecer, que ‘se quisesse se matar, realmente faria’. Não, aquilo na realidade é um pedido de ajuda inconsciente”, salienta Brito.

Geralmente essa doença é desencadeada

por separações, perdas, mudanças, mortes, estresse, drogas lícitas e ilícitas, alterações hormonais e outros eventos significativos na vida da pessoa. É uma condição que afeta a vida familiar, escolar e o trabalho da pessoa, como também os hábitos alimentares e padrões de sono e saúde em geral. O tratamento convencional para a depressão é procurado somente por 50% das pessoas afetadas, sendo que a grande maioria obtém uma melhora com o devido tratamento.

As mulheres são mais propensas a ter depressão no decorrer da vida, sendo 70%

a mais que os homens. Mulheres e Homens vivenciam a doença de uma maneira diferente, enquanto o sexo feminino passa pela tristeza e culpa, o sexo masculino sente mais cansaço ou nervosismo e tende a ir para o álcool e às drogas. Sobre o tratamento vemos que mulheres procuram mais que os homens. O psicólogo Brito explica um pouco mais: “As mulheres não têm tanto esse medo, já os homens têm um certo preconceito, justamente pela sociedade ser machista. Eles acham que é frescura, acabam não procurando e perpetuando a doença”.

Entrevista com Letícia Frank, acadêmica do curso de jornalismo da Urcamp

ALPHORRIA - Com quantos anos você foi diagnosticada e como foi?

Tinha 15 anos, fui diagnosticada pela psicóloga, porque eu não me relacionava com ninguém, e eu não conseguia fazer amigos, me juntar com grupos, não conseguia fazer nada. Eu cresci achando que era normal ficar sozinha, que era uma coisa que era minha, nunca parei pra pensar que essas tristezas e esses choros e a vontade de não ir à aula tivesse alguma ligação. Fui diagnosticada há 10 anos com depressão e há dois anos e meio com transtorno bipolar.

ALPHORRIA - Como foi ser diagnosticada com Transtorno Bipolar?

Foi um choque, porque eu achei que todas minhas oscilações de humor eram devido à depressão. A gente nunca imagina que possa acabar acarretando em outras doenças. Já tive desnutrição, anemia, várias coisas físicas que vieram através da depressão.

ALPHORRIA - O quanto isso acarreta na tua vida?

Dá bastante medo, pelo fato de ser uma doença que precisa estar sempre em tratamento. Terapeuta, psicóloga, remédio, psiquiatras e principalmente a saúde física.

ALPHORRIA - Mesmo com o tratamento já teve recaídas?

Sempre tenho recaídas. São por horas, não posso nem dizer que são por dias. Eu posso estar conversando agora e sair daqui e ter uma crise. É uma doença que nunca avisa quando vai acontecer, ela simplesmente vai ali e acaba contigo de uma hora pra outra.

ALPHORRIA - Como é feito seu tratamento?

O tratamento deveria ser contínuo, mas hoje eu fico mais com a psicóloga. São duas consultas na semana, dependendo do caso três, todos os meses, com remédios dia e noite. Psiquiatra é uma vez na semana, mas é mais por causa dos remédios. Só o remédio sem a terapia não adianta, como terapia sem medicação também não resolve, elas tem que estar sempre ligadas.



Foto: Fernanda Guedes



HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO
fat/urcamp

O Hospital Universitário Doutor Mário Araújo (HU) é um ambiente de estudo e desenvolvimento em que os alunos dos cursos da área da saúde da Urcamp têm acesso em forma de estágios e voluntariados. Considerado de médio porte, o HU possui uma moderna estrutura e profissionais qualificados. Atende, além de Bagé, toda a região, como Dom Pedrito, Candiota, Hulha Negra e etc. O HU já está há 40 anos sendo administrado pela FAT-Urcamp, e servindo de amparo e objeto de estudo para os estudantes da área da saúde.



INÚMEROS
BENEFÍCIOS
PARA **VOCÊ.**



SÃO QUATRO MODALIDADES DISPONÍVEIS:





Foto: Antoniel Martins

Construindo uma nova fé

A geração y apresenta em suas mais variadas formas, uma curiosidade intrínseca. É uma variável que vai desde estilos musicais sendo reconstruídos, a velhas religiões tomando novas formas nas mãos criativas e inquietas dos seus representantes que são “millennials”. A partir de toda a mudança tecnológica, social e cultural massiva que tivemos na última década, se constroem as crenças dos nossos jovens.

A BRUXA

Natalia Munroe tem 30 anos e há 20 anos se identifica como bruxa. Considera-se politeísta, e explica o porquê: “Acredito em tudo que está acima e abaixo de mim, naquilo que vem de outras tantas religiões, mitologias, etc”. Ela conta que os sinais de qual seria sua futura religião sempre foram claros à ela, é uma questão de ancestralidade. “Minha mãe conta que entre meus três e quatro anos de idade, eu já pegava raminho de folhas e benzia ela e meu pai, eles deixavam pois sabiam dessa minha afinidade e sensibilidade para tal coisa. Sempre tive o apoio deles”, relata.

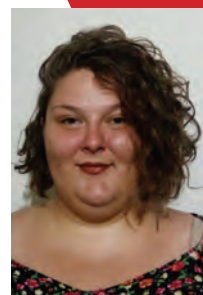
Sensibilidade afluída, sexto sentido, como chama Natalia, não é somente aquele sentimento de angústia. Para ela,

esses sinais já resultaram num acidente de carro, sem vítimas, mas ainda assim Natalia sentiu que poderia ter evitado algo além se tivesse dado atenção aos sinais que o seu redor dava. “Hoje, basicamente, se eu sentir que não devo sair de casa, não o faço, prefiro confiar nos sinais sempre”, conta.

Natalia realiza pesquisas independentes a respeito de mulheres, em sua maioria negras, que foram subjugadas por conta de suas crenças religiosas. Marie Leveau, era praticante de Vodou, a mais famosa dos Estados Unidos da América, conhecida como Rainha dos Vodus. “Marie era filha de escrava e as imagens dela no google, são brancas... Isso também acontece com alguns orixás, vide Iemanjá

branca. Esse embranquecimento precisar acabar e afirmar a verdadeira e devida cor preta”, explica.

Por acreditar nas pessoas e que elas não são de natureza má, Natalia segue pesquisando sobre essas mulheres, algumas nem envolvidas com religião, mas que para ela - e deveriam ser para todos - são importantes. “Além de palavras, existem atitudes, saca? Foi o caso da Neerja Bhanot, ela foi uma aeromoça indiana que escondeu os passaportes de todos os americanos a bordo de um voo quando terroristas entraram no avião e exigiram os passaportes. Ela morreu aos 22 anos de idade, protegendo três crianças da chuva de balas dos terroristas. Isso foi em 1986”, relembra.



Fernanda Guedes

A BATUQUEIRA

Ana Paula Vidal Ribeiro, ou Paula D'Esù Lanã, seu nome de axé, tem 28 anos e começou seus estudos no terreiro aos nove anos de idade, quando teve sua primeira manifestação mediúnica. É praticante de uma religião de matriz ancestral, que envolve Umbanda, Quimbanda e religiões que vieram da África e religiões criadas e adaptadas no Brasil. No Rio Grande do Sul, é chamada de Batuque.

Sua história com a religião é de berço. Nascida em uma família com tradições africanistas, como ela mesma chama, sua avó, era praticante do Batuque, apesar de não ter em sua casa um templo para seus orixás. Por culpa da sociedade racista da época, exercitava pouco sua religião. Segundo Ana Paula, o Batuque acabou sendo mais marginalizado, pois suas origens são negras.

A Quimbanda, por exemplo, mesmo de matriz africana, tem traços brancos, católicos e espíritas, como o sin-

cronismo dos santos e divindades.

Os millennials estão tomando a frente dos terreiros e as casas estão mudando aspectos antes presentes, como o preconceito de gênero. “Somos uma juventude, um passo à frente da geração anterior, em uma questão de empatia, de amor ao próximo e a si próprio muito mais aflorado, vejo na juventude uma maior compreensão da sua realidade, do seu entorno. Eu como religiosa e como Paula, devo ser uma só, não tem como viver essa dualidade, o que sou, é dentro e fora do africanismo. Devemos pensar nas práticas que temos dentro dos terreiros e o que podemos levar para melhorar as vidas das comunidades, já que os logradouros são em sua maioria em lugares periféricos”, explica. E completa: “Os bons jovens, sejam eles de qualquer religião, negra ou branca, já têm tido essa visão mais ampla da sociedade como um todo, são muito inclusivos”.



Foto: Divulgação

O MAGO DO CAOS

Demétrio Santos, 22 anos, é praticante da Magia do Caos, que, em suas palavras, não é uma religião, sim um conceito. Primeiramente, é uma prática que abrange diversos sistemas mágicos. Está ligado no ocultismo moderno, construída com base de excluir qualquer dogma impregnado dentro da sociedade, por qualquer religião e prezando pelo seu eu livre, de cultuar o teu Deus, da sua maneira. Eu tenho fé em Deus e em Deméter, mãe da Terra, deusa da agricultura”, conta. Ele observa que os jovens estão bastante curiosos e livres para decidirem o que querem em relação ao lado espiritual. “Há uns anos, eu enxergava esses indivíduos presos na religião dos pais, porque os pais obrigavam. Hoje em dia eu percebo que eles estão abertos, necessitados em pesquisar e se aprofundar em alguma filosofia, alguma crença, seja lá qual for, para poder se sentir preenchido, sentir que pertence a algo”, ressalta.

Para ele, essa necessidade provém naturalmente do homem. “Nós seres humanos precisamos absorver informações, conteúdos, emoções, sentimentos, sensações, precisamos nos alimentar disso tudo, pois é esse conjunto que torna o ser humano vivo. Os agnósticos e ateus não estão fora disso, eles não acreditam num ser superior, não acreditam em deuses, mas estão



Arte: Thales Mendes

sendo preenchidos por aquilo que eles buscam e acreditam”, explica.

Demétrio é administrador e criador de um grupo no Facebook chamado MK Ultra, destinado ao oculto, teorias da conspiração, ajudas espirituais e troca de conhecimento entre os membros, além de parcerias com blogs e jornalistas. Com quase 100 mil membros, o grupo cresce a cada dia. “Sei que o grupo está fazendo muita gente pensar e refletir sobre muitas situações envolvendo a mente humana e conflitos internos, tenho consciência disso. E a cada dia que passa, tenho vontade de querer ajudar mais as pessoas, fornecer conteúdo e amo compartilhar experiências e conhecimento com os membros. As pessoas da minha cidade, outras cidades e estados, me conhecem por ‘Demétrio do MK’”, relata. Ele acredita que os participantes do grupo enxergam que, lá dentro, os assuntos são realmente levados a sério e eles se sentem acolhidos. “Eu recebo mensagens de pessoas que dizem seguros em desabafar fazendo publicações, mesmo o grupo possuindo mais de 96 mil membros. Um homem que possui transtorno de personalidade grave já revelou para mim que o MK ULTRA é o lugar onde ele pode desabafar, sem ser julgado. Ele deve ter enxergado que as pessoas estão ali para promover a empatia”, conclui.

Millennial: dominantes ou dominados?

Os millennials, também conhecida como geração Y, representam a faixa da população que, segundo concordam alguns teóricos, nasceu entre meados dos anos 80 e o início dos anos 2000. O termo Millennial vem de milenar, e se refere a tudo do milênio, e hoje, é usado para designar indivíduos da geração. E é sob os olhares atentos das crianças do milênio que se desenvolveu a Internet e a revolução tecnológica.

Cresceram e se desenvolveram em grandes centros, e em realidade de prosperidade econômica. Seus pais, que fazem parte da faixa etária que se denomina geração X, são os filhos do Baby Boomers, assim, os millennials são os netos das crianças do pós guerra. Essas são as três gerações que fizeram e fazem as engrenagens do mundo girar no último meio século.

Millennials são acostumados a terem todos os seus ambientes conectados, trafegam com confiança cega no Waze, acessam notícias veiculadas no Facebook, postam o seu dia a dia no Instagram, paqueram pelo Tinder, chamam o Uber, pagam os boletos com o aplicativo do Banco, compram pelo Wish, lêem pelo Kindle. E apesar de toda a tecnologia do nosso dia a dia, é clara a preocupação com o futuro e como suas escolhas afetam seu mundo. Mas afetam de que forma?

Segundo Jorge Santana, professor de sociologia da Urcamp, foram os jovens dessa geração, que elegeram Jair Messias Bolsonaro o próximo presidente da República. Jorge, que vivenciou em sua juventude, a aura revolucionária do Brasil dos anos 80, reflete sobre a indignação política e social, aliada à uma volta da moral e dos “bons costumes e família tradicional brasileira”.

De acordo com ele, os millennials brasileiros nasceram em um país próspero, onde, desde Fernando Henrique Cardoso, são implementadas medidas sociais e políticas com um alinhamento centro-esquerdista. Alunos que estudam através

de programas do governo, como FIES e PROUNI, ou até em Universidades Federais, com ingresso pelo Enem, usufruem a pleno direito de todas as conquistas populares.

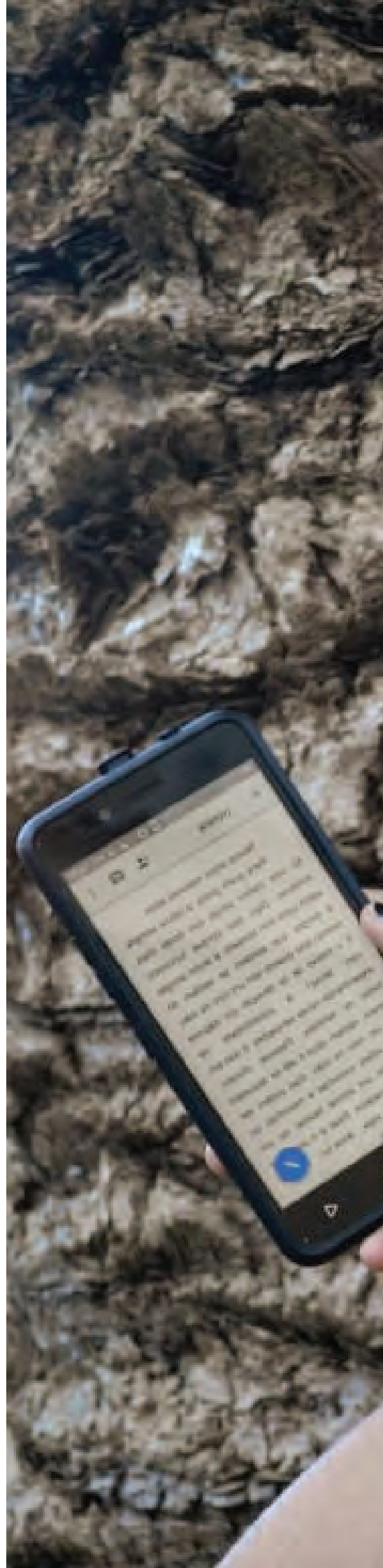
E apesar de todos os benefícios do governo com teor esquerdista, o mesmo deixou de providenciar coisas básicas como boa educação no ensino básico, estruturas de prédios públicos, e falta de manutenção e investimento em saúde. “Por isso esse desencanto da juventude com a esquerda. Eu tenho uma impressão muito pessimista, não vejo mais a esperança de um país melhor. Antes era desastroso, você tinha uma espiral inflacionária, os preços no mercado eram remarcados várias vezes durante o dia; mas a juventude lutava e tinha esperança, hoje não tem isso”.

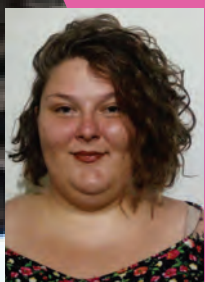
Para o professor, o mundo criou uma geração desinteressada, que não usa a arte como refúgio, como a geração anterior. Os millennials escapam, para dentro dos smartphones, dos notebooks, dos tablets. O acesso fácil e rápido está criando uma geração que elegeu um presidente cuja campanha comprovadamente foi feita através de mensagens automáticas (pagas) em um aplicativo de mensagens.

O acesso rápido e prático a qualquer conteúdo, os torna suscetíveis às ações de marketing de empresas como a Cambridge Analytica, usa de análise e banco de dados e comunicação estratégica, para direcionar anúncios a públicos determinados. E assim os Estados Unidos da América elegeu Donald Trump, e no mesmo caminho o Brasil elegeu Bolsonaro.

Quando Trump foi eleito, vimos na televisão os Democratas chorando, e naquele momento, não tínhamos consciência da dimensão desse choro, tampouco fazíamos ideia de que logo alguns de nós chorariam também, enquanto outros comemorariam...

Quem domina quem, nesse começo de milênio?





Fernanda Guedes



Nos embalos da geração millennial

A geração y passou por um vasto ciclo musical, com diferentes estilos e artistas, mas todos marcaram época, cada um da sua maneira. Agora vamos dar um giro musical no túnel do tempo e relembra aqui na Alporria o que fez sucesso dos anos 80 aos 2000.

A década de 80 é vista como a época do ressurgimento do Rock. Foi durante essa década que estouraram, nas rádios, bandas internacionais como Guns N' Roses, AC/DC e Bon Jovi. Iron Maiden e Metallica completavam o topo das paradas musicais. No Brasil, nascia um dos maiores festivais de música do mundo, o Rock in Rio, que embalava o público ao som de Pop e Rock. O sucesso ficava por conta de nomes como RPM, Ultraje a Rigor, Ira!, Kid Abelha, Roupas Nova e Legião Urbana. Entretanto, um sucesso entraria para a história no ano de 1984. Thriller de Michael Jackson, o sexto álbum da carreira solo do cantor traz esse marco na biografia musical que mistura pop e pop rock. Até hoje, é um dos clipes mais bem sucedidos de todos os tempos.

A partir de 1990, o pop perdeu um pouco de força e surgiu o Hip-Hop. Nesta

década Eminem, Nirvana, Foo Fighters e Red Hot Chili Peppers sacudiam jovens e adultos. Por aqui, direto do interior, Chitãozinho & Xororó, Zezé Di Carmargo & Luciano e Leandro & Leonardo embalavam os apaixonados. Essas duplas fazem parte da playlist de muitos brasileiros até hoje. E quem nunca dançou ao som de É o Tchan nos anos 90 ou imitou os movimentos do Claudinho quando o funk percorria um outro caminho em suas letras? Kimberlly Cunha, que participou por muitos anos de um grupo de dança de Bagé, conta que começou a se interessar por dança ao assistir em programas de tv bandas com coreografias engraçadas e super dançantes. Ritmos contagiantes do Axé faziam o Brasil dançar em ritmo de carnaval durante o decorrer dos anos, como a Banda Eva, onde estrelava Ivete Sangalo.

Além desses nomes, conhecíamos no ano de 1997 os meninos dos Mamonas Assasinas. Com apenas sete meses de carreira, a banda formada por cinco jovens paulistas fez o país sorrir, cantar, dançar e chorar devido à morte prematura dos músicos. Se você perguntar para alguém de 20 e poucos anos, se já dançou a música Vira



Elisângela Madruga

Vira ou Pelados em Santos, com certeza irão te dizer que sim. Nos programas do Gugu, Faustão e Xuxa eles tinham espaço garantido. Gustavo Moreira, professor de dança que atuou em atividades com jovens carentes em comunidades, conta que a música mudou muito durante os anos. “Os ritmos podem ser os mesmos, mas as letras mudaram. Antes muito se contava em poucos minutos, hoje mais intensas são as batidas que dão ritmo a frases de pouco conteúdo, mas que ainda assim fazem sucesso”, destaca. Kimberlly foi aluna de Gustavo e relata a diferença do Funk cantado por Claudinho e Bochecha do que é cantado atualmente, músicas que de crianças a idosos podiam ouvir, agora nem tudo é possível de permitir os pequenos escutarem.

Seja Rock, Funk, Sertanejo, MPB, Axé. Músicas marcam e fazem parte da memória de cada um que dançou em bailinhos de garagem, salões, festinhas das escolas entre tantos outros pontos de encontros desta geração.





A violência nossa de cada dia

A violência alicerçada a antigos problemas sociais e com o poder de enunciação através da internet é uma arma que mata todos os dias. A popularização dos sites de redes sociais e a gama de possibilidades de interação que a Internet e plataformas online possibilitaram modificou a maneira com as pessoas se comunicam entre si. Atualmente basta um emoji em uma postagem para sabermos se a mensagem agradou ou não, além é claro dos famosos gifs que tomaram conta das publicações, poupando de certa forma tempo de escrita, porque estão presentes nos teclados dos smartphones e tablets e, resumem o que uma determinada pessoa quis dizer. São inúmeras as possibilidades de conversação e, como toda conversa pode gerar atritos, réplicas e tréplicas de mensagens a fim do perfil expor sua opinião e ou, defender seu ponto de vista na Internet.

Mas, e quando esta interação não é amigável e não possui outra finalidade que não seja a de expôr, humilhar, insultar aquele que está do outro lado da tela? Perceber as modificações e as possibilidades de uma rede social são pesquisas já conhecidas no campo do ciberespaço, mas e analisar como as pessoas se mobilizam para violentar umas às outras? É possível? Pesquisadores como Raquel Recuero, analisam a coocorrência de uma hashtag, capacidade de conexão de perfis mais influentes, e intensas movimentações no campo eleitoral através de conexões online provando que é possível sim, analisar e correlatar ataques com discursos preconceituosos e violentos.

Vamos pelo começo. Imagine você: uma pessoa com afinidade para o ativismo que

envolve-se com política, movimentos sociais e militância. Esta decisão acaba fazendo com que você perca amigos e desfaça relações familiares, atrelado a isso, a exposição pública do corpo e da voz, em defesa da inclusão de assuntos relativos ao combate ao preconceito de gênero, orientação sexual e de raça, começa a colocar em risco sua integridade física. “A partir desse momento recebi críticas, ameaças de perfis falsos, alguns até usados por pessoas que conheciam minha rotina, promessas de agressões físicas e sexuais, até mesmo usarem minha imagem em um site de prostituição. Minha intimidade exposta pelo simples fato de ter defendido o que acredito. Me senti invadida, extremamente caluniada e impotente”, relata uma pessoa que foi violentada através de redes sociais e não pode ser identificada. Ela completa: “Acredito que a intolerância e o ódio a mulheres, a negros e negras e a LGBTQ+ continuam mais vivos do que nunca em nossa sociedade e com o advento da Internet e de discursos públicos de ódio, tais pessoas encorajam-se a atacar essas “minorias”, seja pelo fato dos discursos ou de poder manter o anonimato que as redes proporcionam”.

Com base na declaração acima e com a avalanche de problemas que um perfil falso e algumas calúnias fizeram na vida desta pessoa, buscamos entender como que a Internet possibilitou, através do terreno do anonimato, dar voz a tudo e todos, sem nenhuma exceção. Pesquisadora na área de informação e comunicação, Raquel Recuero, reforça que a violência nas redes não é uma característica que só tenha surgido agora. “A circunstância em



Hallana Oliveira

que essa violência simbólica é explicitada é que é atual. E isso gera um clima de conflito e intolerância, polarização e posicionamentos extremados e em necessária oposição. Com isso, temos gerações que estão mais expostas a essa realidade, mais inseridas nela”, analisa. A violência simbólica, a que se refere a pesquisadora, foi criada pelo sociólogo Pierre Bourdieu e se utiliza do discurso daquele que violenta, para a manutenção de relações de poder já previamente estabelecidas pela sociedade.

Ao analisarmos as redes sociais e a evolução destas, como também a quantidade de membros que atualmente dedicam horas por dias em frente às telas, podemos afirmar que hoje em dia as pessoas vivem o que é publicado e postado, tudo que não está nas plataformas, proporcionando interações (curtidas, comentários e reposts), não existe. A pessoa citada ao se expor de maneira pública (online e offline), despertou um certo incômodo em quem não concordava com seus posicionamentos, contrapondo aquela lógica de que exista duas realidades distintas na vida das pes-

soas (online e offline). O agressor não podendo expor seus argumentos em uma discussão, preferiu usar de perfis falsos para então fazer o que era da sua vontade. Neste cenário, Recuero pondera: “Do meu ponto de vista, o discurso de ódio precisa ser combatido com educação. Precisamos trabalhar a alfabetização digital, a responsabilidade e os problemas de se estar online. Acho fundamental esclarecer as pessoas, desconstruir os discursos e ampliar os debates”.

A falta de diálogo sobre antigos problemas sociais, como as discussões de gênero, é o que tem motivado tantas intolerâncias no ambiente online, porque, segundo a estudiosa, a violência no campo dos direitos humanos, e especialmente a violência contra as minorias “aparece de modo não tão evidente, mas dentro do conceito de violência simbólica, através de discursos que reforçam o conhecimento sobre determinados grupos sociais, determinando as relações de poder. Essa violência é

mais sutil, menos perceptível e mais arrasadora.”

Além da reeducação e o reconhecimento de problemas sociais, para que exista um enfrentamento que leve a resolução destes, é preciso que os usuários nas redes tenham consciência antes de que estamos lidando com pessoas, com suas ideologias, bandeiras e lutas. Respeito e responsabilidade é o que pede as minorias políticas e todos aqueles que já foram atacados na Internet.

A violência dos Millenials

Esta geração é caracterizada pela presença de sites de redes sociais na Internet e a violência da maneira que está exposta neste ambiente é um dos estudos da pesquisadora, Letícia Schinestsck

Pesquisadora na área de mídia digital, Letícia Ribeiro Schinestsck é umas das referências no estudo do comportamento de atores sociais no ciberespaço, conhecida por analisar discursos construídos no ambiente online, especialmente a violência simbólica em sites de redes sociais. Gaúcha do interior do Rio Grande do Sul, foi aluna da pesquisadora Raquel da Cunha Recuero na tradicional Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), onde concluiu a graduação e o mestrado em Linguística Aplicada, e onde está cursando o doutorado. Schinestsck começou sua ligação com a pesquisa no quarto semestre da graduação com a oferta de uma bolsa de iniciação científica para estudar o preconceito e a violência no Orkut. Desde então, nunca mais parou. “A bolsa que eu ganhei já era para estudar este tipo de fenômeno. Só que aí eu me apaixonei”, completa. Além de sua intensa contribuição para a pesquisa, já foi professora na Universidade da Região da Campanha (Urcamp), trabalhou como Social Media para empresas como AG2 Publicis Modem e W8S Simply Creative e é membro do Grupo de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais (MIDIARS). Mas não para por aí. Recentemente, catalogou suas pesquisas no livro: “Se a carapuça serviu...: A cultura das indiretas e a violência simbólica no Facebook” (2018). A fim de entender como a violência nas redes ocorre e quais ferramentas são possíveis utilizar no espaço online a pesquisadora divide um pouco do conhecimento adquirido nestes anos.



ALPHORRIA - Existe ainda aquela diferença do que ocorre na Internet e na vida real, ou hoje em dias essas duas realidades estão interligadas?

LETÍCIA - Não creio que exista mais esta diferença entre vida real e virtual, afinal falamos da mesma realidade de um mesmo indivíduo.

ALPHORRIA - Nestes anos estudando a Internet, tu cree que aumentou os preconceitos e as intolerâncias?

LETÍCIA - O que acontece é que as pessoas encontram nessa comunicação mediada muita maneiras de se esconder e falar coisas que não fariam offline. É como se fosse um escudo, onde o sujeito se vale do anonimato para reproduzir coisas que sabe que não seriam aceitas ou bem vistas caso falasse em uma comunicação face a face. Por exemplo: na Internet, uma pessoa que é racista pode encontrar reforço da sua crença em muitos usuários espalhados pelo mundo, mas que também possuam a mesma opinião. Isso fortalece o sujeito que tem esse preconceito. Incentiva-o a falar, a se po-

sicionar. Esse mesmo sujeito certamente não iria manifestar suas opiniões racistas se estivesse em uma sala trancado somente com pessoas negras, por exemplo. Ele sabe que não daria certo. Poderia ele mesmo sofrer agressão, pois estava em minoria e afrontando e diminuindo os negros, que na situação seriam a maioria. Por isso é mais vantagem pra eles falar nas redes sociais. Porque as consequências não são diretas e nem físicas, sem contar com a possibilidade de as características da rede ajudarem a amplificar este discurso e torná-lo permanente e passível de ser buscado, diferente do que acontece na comunicação face a face. Também tem a possibilidade de que o sujeito pense que a sua opinião é a que predomina na rede, já que busca conteúdos que são de acordo com suas ideologias e valores, mas que não podem ser considerados uma representação do todo, que também conta com os mais diferentes tipos de posicionamento. Achar que todos concordam também estimula o usuário a interagir, da mesma forma quando se vê a violência sendo legitimada pelos próprios contatos da sua rede.

ALPHORRIA - A Internet deu voz a todos, tu enxerga isso como algo nocivo?

LETÍCIA - Ao descentralizar o poder da grande mídia, a Internet assumiu um papel importante para a sociedade. Hoje as pessoas podem consumir as informações que quiserem, além de servirem como propagadores de informações também. Qualquer um pode fazer isso e aí a gente escuta aquela clássica: “o Face é meu e eu posto o que eu quiser”. O problema é que as pessoas não pensam no que postar. Acho que sempre teve ódio e rancor escondido no coração das pessoas, infelizmente. Mas acho que o suporte criado pela Internet tem ajudado muito na disseminação, tanto do bem quanto do mal. Dar voz a todos fez com que viessem a tona os mais diversos valores, pois cada pessoa é um universo e cada universo é particular e único.

ALPHORRIA - Letícia, tu cree que esta nova forma de violência que a Internet possibilita é uma peculiaridade dos millenials?

LETÍCIA - Ao mesmo tempo que existem os haters, pessoas que se organizam e vão, no mesmo momento, agredir determinado usuário, em massa, também existem o que se chama de 'megazord'. Megazord era o nome da arma mais poderosa dos Power Rangers, que só era possível de aparecer quando todos os power rangers estavam juntos. Nas redes sociais, megazord são pessoas que se juntam para colocar outras pessoas para cima. Geralmente são eles que 'amenizam' a acidez propagada pelos haters, pois se mostram com um novo papel, uma nova percepção sobre o próximo. Se os haters falam que uma mulher é gorda, por exemplo, os megazords entram em ação pra dizer o quanto ela é linda e não deve se preocupar com isso. Isso existe e muito na rede. Creio que a resposta está na forma como as pessoas se apropriam e se comportam na Internet. Tem muita coisa ruim, mas olha.. tem muita coisa

boa também. Não acho que a Internet seja a culpada de todo esse ódio, mas acho que ela faz com que as pessoas se sintam mais à vontade para expor o que se passa na sua cabeça.

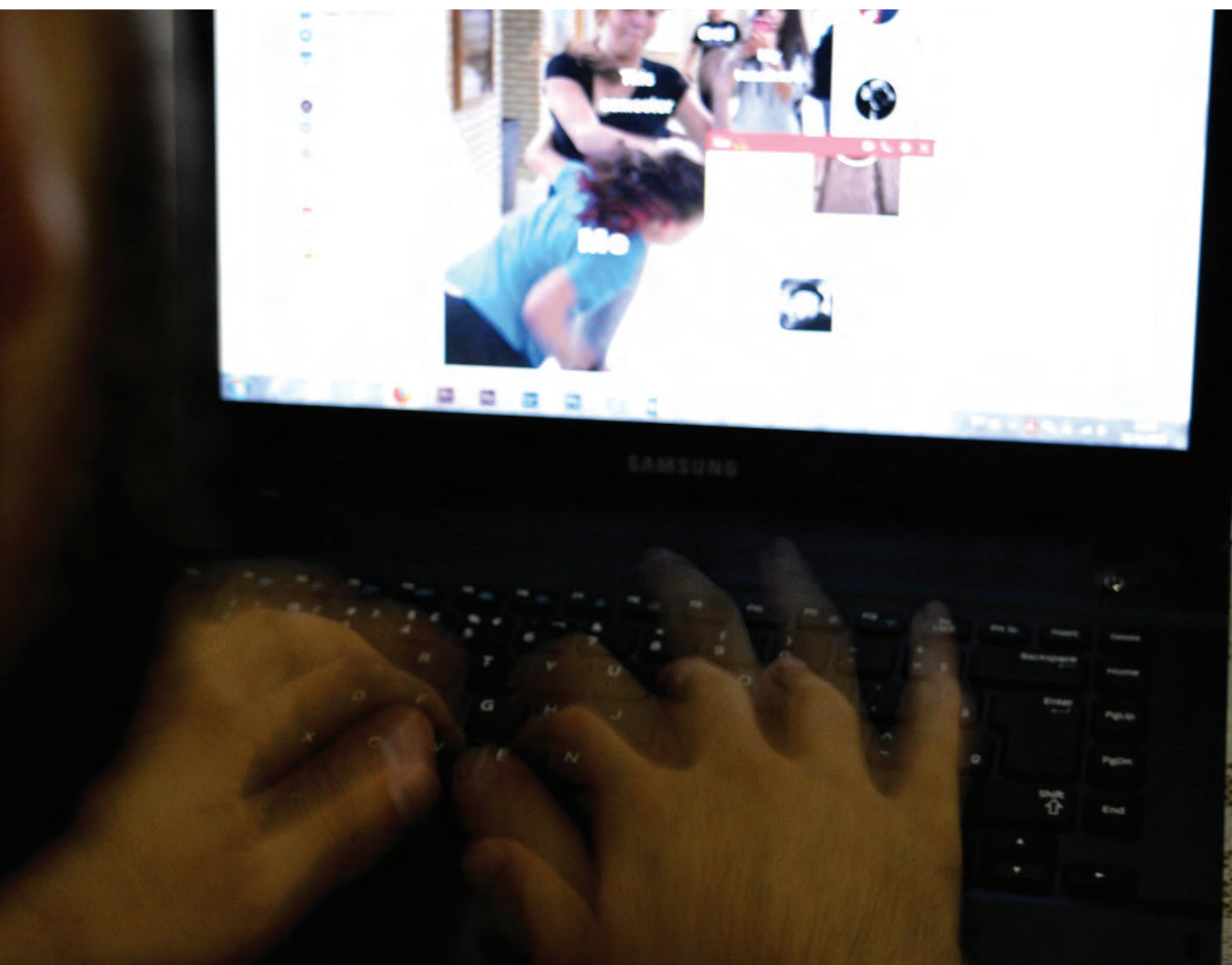
ALPHORRIA - E a violência simbólica como ocorre?

LETÍCIA - A violência simbólica se instaura quando um indivíduo exerce poder sobre outro. Este poder não é visível, e muitas vezes está escondido por trás de crenças e preconceitos coletivos. São informações, percepções e valores que são mantidos, com ou sem intencionalidade. É um poder que só existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. Então é uma violência que aparece entranhada na linguagem e é vista como natural, interiorizada e repassada sem questionamentos, como se fosse uma verdade absoluta. Na Internet todo esse

poder é mais invisível ainda, já que está mediado e submetido a outro sistema de regras. Assim, as pessoas usam personagens, figuras, memes, gifs para expressar sua opinião e muitas vezes agredir o outro com ela.

ALPHORRIA - Como é possível não propagar a violência e as intolerâncias na Internet?

LETÍCIA - Basta ter bom senso. Basta lembrar que existem outros indivíduos no mundo que discordam dele e isso é um direito. Na verdade, as pessoas parecem não conseguir passar por um post que vá de encontro aos seus ideais, que já se sente incitado a falar, a se posicionar. Isso gera muita violência, pois vira uma guerra de egos interminável. Gostaria que fizesse isso com vc? Então não faz com os outros. Respeite a opinião do próximo e não tente impor a sua. É um bom início.





Novas empresas proporcionam uma verdadeira aula de marketing

Um novo perfil de empresas, propiciadas por um mundo tecnológico característico da geração y, passou a surgir e oferecer serviços 100% digitais. É apoiando-se no crescimento do número de internautas, principalmente dos que utilizam tablets e smartphones, que esses negócios se consolidaram no mercado. Sendo a Internet plenamente parte do cotidiano global, investimentos em ações de marketing nessas plataformas

são imprescindíveis - sobretudo para aquelas empresas que oferecem serviços exclusivamente on-line. Muito embora, hoje, já não seja uma novidade.

As constantes inovações ficam por conta das “revoluções” no setor. Elas seguem a lógica da instantaneidade de tendências. Todas efêmeras, tornam estratégias rapidamente obsoletas. Isso porque a capacidade de interação é quem dita as regras.



Renan Silveira

“Menos é mais”

Internautas fazem com que vídeos inusitados e improváveis se transformem em virais de grandes proporções, da mesma forma em que ignoram campanhas milionárias de marcas tradicionais. Isso gera certo receio em investimentos astronômicos – muito comum em outros veículos, em que bastava pagar para aparecer.

Mas há quem, apesar de tanta complexidade, parece já ter se adaptado, e age com propriedade no mercado digital. São empresas imersas nesse meio, e que atuam em nichos muito bem definidos.

O primeiro grande exemplo é o da Netflix, empresa de streaming de séries e filmes, que deslanchou graças ao seu posicionamento nas mídias sociais. Interações descontraídas, vocabulário popular e utiliza-

ção de memes são só alguns dos pontos que a tornaram a queridinha do assunto.

Para a ilustradora e criadora de conteúdo, Mariana Tavares, do Estúdio Pingado, tudo é intuitivo. Mas o que mais chega próximo de uma “fórmula de sucesso”, são os memes. Populares entre diversos públicos, é preciso agilidade para aproveitar momentos cômicos, ou tendências inusitadas. “Eu vejo o meme igual a uma música chiclete, que não sai da cabeça. Por isso as empresas fazem questão de utilizar, e obtém tanto resultado”, exemplificou.

Quem também aparece com exponencial crescimento, é o Spotify. Em poucos anos consagrou-se como maior streaming de músicas do mundo. A plataforma também

é responsável por inúmeras campanhas de sucesso nas redes sociais, e tem como força a sua capacidade de processar dados relacionados aos usuários, criando playlists e sugestões personalizadas.

Quem trabalha diretamente com conteúdo de interesse jovem - filmes, séries e músicas - de fato, larga em vantagem. Mas os destaques não se limitam a estes perfis de negócios.

O mais recente - e improvável- caso de sucesso é o Nubank. A startup brasileira oferece serviços financeiros, que são culturalmente associados à burocracia e alta taxa de juros no país. Essa impressão negativa transmitida a muitos jovens sugere que a linguagem descontraída seja um tabu dentre empresas de crédito.

“Publicidade não vende produto ruim”

Nem aí com isso, a Nubank - fundada em São Paulo, em 2013 - resolveu arriscar. Mesmo sem investimentos em marketing, em um momento inicial, apostou em atendimento personalizado, bom relacionamento nas redes sociais; mas principalmente, na desburocratização. Foi ideal ao seu público alvo: 80% deles têm menos do que 35 anos.

De acordo com Bruno Costa, sócio-proprietário da empresa DNA Marketing & Comunicação, há raros casos em que o alcance orgânico (não patrocinado) basta para divulgar conteúdo. “Em algum momento a marca terá que dispor de um investimento periódico para alavancar vendas e consolidar a marca”, ressalta.

No caso do Nubank, praticamente não

há investimentos em outras mídias. Nesse caso, Costa explica que é uma questão de ocasião. “É sempre muito importante saber onde o seu público está. Se o seu público está numa revista X, por que não fazer um anúncio nela? Tudo deve ter um propósito e ser avaliado”, afirma.



Influencer Digital: a profissão do momento

Surgida há uns cinco anos, esta é a profissão que vem ganhando adeptos diariamente, por ser algo que pode ser feito de casa e de forma autônoma. Com o passar dos anos, a mudança, em todos os aspectos, é algo natural e necessário. Se há 40 anos alguém pensasse que, atualmente, seria possível viver através de posts publicitários publicados em uma rede social, provavelmente aquela pessoa seria tachada de desequilibrada. Acontece que o tempo passa e tudo se modifica. A geração y surge dando início a era tecnológica, onde tudo é concentrado na internet. Assim também como a nova profissão do momento: digital influencer.

Esse termo é usado para definir os usuários das redes sociais como Facebook, Youtube, Twitter, Blogs e Instagram, que atingem um número significativo de seguidores e conseguem exercer uma certa influência em quem os segue. Ser um influenciador digital significa falar com milhares ou milhões de pessoas diariamente através de uma plataforma desejada, oferecer conteúdo sobre alguma marca ou empresa e receber inúmeras interações. O perfil do influencer digital pode ser pessoal ou comercial. Este profissional nada mais é que um produtor de conteúdo utilizando de suas redes sociais para influenciar comportamentos de seguidores e fazer com que o material exposto ganhe notabilidade.

Sonja Chacon, 29 anos, jornalista e digital influencer, revela que há cinco anos trabalha com o Instagram. Administradora da conta @mamaedesorte, com mais de 200 mil seguidores, e sua conta pessoal @sonja_chacon, onde foca em tudo que envolve a maternidade de uma forma descontraída, ela fala que começou a ter mais visibilidade quando anunciou a gravidez da filha Liz, com a qual gravou um vídeo que viralizou nas redes sociais no início de 2018. Sobre se manter financeiramente como influenciadora digital, ela declara que é possível. “Dá pra viver. São passos de formiguinhas. Vai melhorando aos poucos. Porém as permutas, se bem feitas, ajudam a economizar bastante. Não gastei 90% do enxoval da Liz”, conta.

A profissão está ganhando tanto espaço atualmente, que muitas pessoas decidem

seguir-la. Formada em jornalismo, Sonja diz que consegue unir as duas profissões. “Acho que é um novo mercado. E acho que estamos ganhando um novo veículo de comunicação, onde nós somos as emissoras como a Globo, SBT. Onde trazemos nossa programação da vida real. Acredito que não estou fugindo da carreira. Jornalismo é comunicação, e está nos meios digitais também. Meu papel como jornalista é levar informação. E é o que faço. Escrevo textos, me comunico, dou dicas. Dentro do jornalismo tem diversos serviços, repórter de impresso e televisão, apresentadora, produtora, redatora, editora chefe, radialista, assessora de imprensa e agora digital influencer”, finaliza.

Além desse segmento de maternidade, diversos outros estão presentes nas redes sociais, tem para todos os gostos. Para os amantes da sétima arte, Valdomiro Malacrida, 24 anos, disponibiliza boa parte do seu tempo para administrar a conta @instacinefilos, com mais de um milhão de seguidores, que querem saber sobre os melhores filmes e séries em primeira mão. Miro, como é conhecido, diz que resolveu investir nessa profissão quando percebeu que as publicações feitas eram certas para os seguidores e eles levavam muito a sério, acreditando em tudo que ele falava ou postava. “As pessoas querem chegar em casa, abrir o Instagram, Youtube, Facebook, Twitter ou qualquer outra rede social que seja, e ver conteúdos que a agradem, seja qual for ele, e ter pessoas que façam isso como trabalho é importante para ter um conteúdo de qualidade e seriedade”, explica.

Como é uma profissão relativamente nova, é normal que exista preconceito por pessoas que desconhecem e não estão acostumadas com esta forma de trabalho, é preciso encarar e tentar mostrar que é tão natural quanto qualquer outra. “Por eu não ter local e horários fixos de trabalho, acham que às vezes não tenho nada para fazer e que sempre estou livre, mas passo o dia desenvolvendo os posts. Lido da melhor forma possível com isso, respondendo e tentando ensinar as pessoas sobre essa nova modalidade de trabalho”, relata. Fica claro que o objetivo de um influenciador é influenciar. Quem está



Júlia Salazart

online e acompanha determinadas contas de influencers nas redes sociais, está suscetível a ser influenciada a querer algum produto que está sendo divulgado como uma ótima aquisição, porque se aquela pessoa que tem credibilidade está dizendo que é bom, então é bom.

Os pequenos também fazem parte deste meio, e provavelmente mais que os adultos, desejam ter tudo o que vêem. A moda entre a criançada são os youtubers, eles são pessoas que fazem vídeos para a plataforma Youtube sobre diversos temas e muitos têm como público alvo as crianças. Os youtubers usam da influência para chamar a atenção de produtos próprios, como livros, cadernos e diversas outras coisas disponíveis em lojas virtuais que levem sua marca e faça com que seja desejado por quem é fã de seu trabalho.

Daiana Messa, que é mãe de duas crianças, tem uma postura bem clara sobre o assunto: “Atualmente vejo as crianças assistindo muitos youtubers, cada dia surge um novo e com vários tipos de conteúdo. Percebo não só como mãe, mas também como professora. Eles assistem vários youtubers como Kéfera, irmãos Neto, Gato Galático e outros. Alguns vídeos dão ideias absurdas que as crianças gostariam de tentar fazer. Claro que não há possibilidade disso. Quando assistem vídeos educativos, com algum com experimentos, até deixo fazer, mas esses com conteúdos sem fundamento nenhum, desperdício de alimentos, desrespeitoso e com situações perigosas, converso que aquilo jamais deverá ser imitado”, ressalta. Com certeza é algo que exige muita atenção dos responsáveis, pois através de vídeos no Youtube já se iniciou diversos desafios que não terminavam com um final feliz. “Acredito que nós pais devemos acompanhar e ter acesso aos conteúdos que estão assistindo. Não dá para tirar as mídias do alcance deles, pois faz parte do mundo atual. O que temos que fazer é o papel de orientar e educar os filhos para que tenham discernimento nas suas escolhas”, afirma Daiana.



De geração perdida a problematizadores: entenda como os millennials tornaram-se a geração da militância

A geração que não se acomoda com o que a incomoda

Grande parcela da geração y cresceu com a cobrança social de que pertencia a uma geração perdida. Inúmeros jovens ouviram diariamente a famigerada frase “o que esperar dessa geração?”. Os julgamentos iam desde mudanças na forma de agir, pensar e problematizar até o modo como este grupo de pessoas transforma hábitos comuns com o uso de aparelhos tecnológicos, por exemplo. Entretanto, observa-se também, nesta mesma geração, uma crescente inexaurível de assuntos sociais e políticos pautados por jovens que antes só tinham acesso

a tais discussões no campo acadêmico. Os millennials acompanharam, na infância, o acontecimento de fatos históricos como a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética. Assim, desbravaram o mundo da globalização sem fronteiras ideológicas. Além de serem apontados como mais criativos, tendem a ser menos preconceituosos e dispostos a receber o novo e à diversidade.

Neste cenário, o ativismo surge como um fenômeno com intuito de mobilizar coletivos em prol de causas sócio-políticas. O uso excessivo das redes sociais, grande



Matheus Medeiros

marca da geração dos millennials, viabilizou a ascensão de ativismos para além de seus nichos. Por meio destas plataformas, qualquer cidadão, com acesso à Internet, tem o poder de compartilhar informações para com pessoas do mundo inteiro, em tempo real. Dessa forma, qualquer mobilização online de uma força conjunta pode resultar em ações reais em locais públicos.

Feminismo millennials

Se antigamente, na geração x, os pais dos millennials sonhavam com a estruturação da família e a estabilidade financeira em

um emprego ideal, a nova crescente da Y lança outro olhar para o mundo. Os valores de gênero, as religiões e a política,

tudo o que foram ensinados a não discutir, é debatido com mais intensidade.

A bandeira do feminismo é uma das

mais levantadas neste cenário e, de forma histórica, o movimento é dividido em três partes. Na primeira onda buscou-se a igualdade de direitos entre homens e mulheres, assim, reivindicou-se o reconhecimento legal da mulher perante a sociedade predominantemente patriarcal. Mesmo após conquistarem alguns direi-

tos, as mulheres ainda estavam excluídas nos mais diversos setores da sociedade. Nessa conjuntura de desigualdade não oficial surge a segunda onda, em que as mulheres de modo mais subjetivo passam a debater o seu real papel frente à sociedade e o estabelecido como família, trabalho e política.

Posterior ao período em que se reavaliou o papel feminino na sociedade, surge a terceira onda, que abre espaço para contemplar outras vertentes do feminismo que acaba por silenciar grupos como indígenas, trans e mulheres negras. Discussão presente nas principais pautas da geração y, como ativistas.

Feminismo branco x feminismo negro e o porquê de diferenciar

É comum que as pessoas tenham primeiro contato com o feminismo branco. Até mesmo as mulheres negras, que logo não se reconhecem nas pautas e realidades exploradas. Novas vertentes se fazem extremamente necessárias para contemplar essas questões. Um exemplo autoexplicativo é quando se pauta o direito ao trabalho. Enquanto a luta das mulheres brancas era por conquistar o direito de trabalhar, as mulheres negras já trabalhavam há muito tempo, inclusive, em regimes de escravidão.

Movimento Negro

O criador da comunidade Black Sul, Jorge da Rosa, conta que ao viajar pelo país, como músico e militar, percebe um certo desconhecimento da população brasileira para com a existência de negros no Rio Grande do Sul. Com o apoio da família e amigos adeptos à causa, criou o coletivo com o intuito de dar visibilidade aos negros riograndenses.

De acordo com os dados do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017, as mulheres negras entre 15 e 29 anos têm duas vezes mais chances de serem mortas no Brasil, do que as mulheres brancas com a mesma faixa etária. A mortalidade de não-negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4% entre 2005 e 2015, enquanto entre as mulheres negras o índice subiu 22%, segundo o Atlas da Violência 2017.

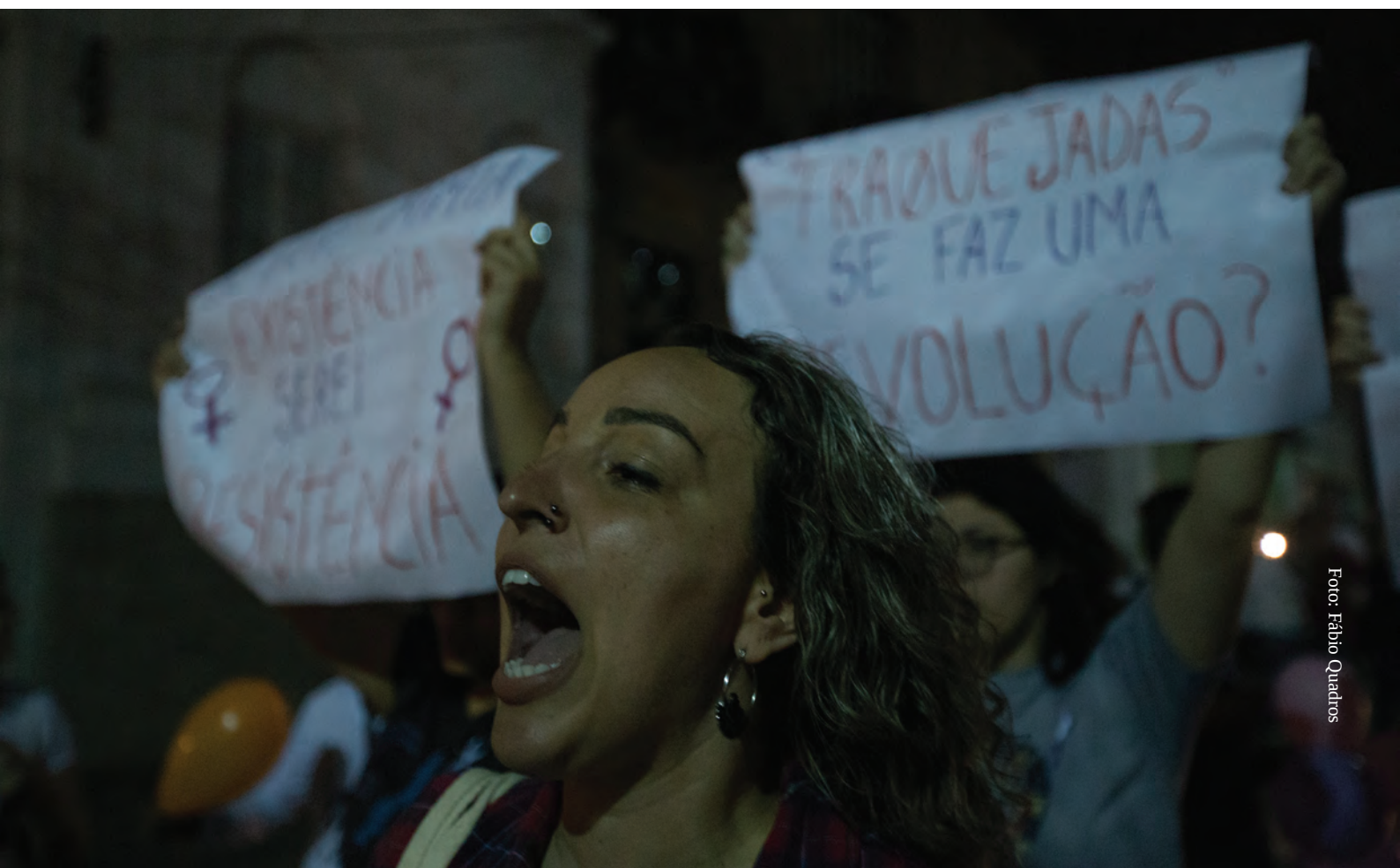
A cientista social e youtuber, Nátyl Neri,

no vídeo “NEGRA VS BRANCA? FEMINISMO QUE DIVIDE?”, publicado no YouTube, afirma que o feminismo negro se constrói a partir da relação com o outro, logo, para existir o feminismo negro tem que haver um branco. “E não é ofensa dizer que existe um feminismo branco. Porque o feminismo é um movimento branco, que foi pautado pelas mulheres brancas. A primeira onda é toda discutindo a questão dos direitos de voto da mulher branca classe média”, explica.

O idealizador da comunidade relata ser de um tempo em que ser negro era motivo de inúmeras chacotas. “Nossos pais nunca nos deixavam baixar a cabeça. Nos diziam que deveríamos ter o orgulho de ser negro e assim nos criamos”, conta.

Para Jorge, o jovem negro sabe que se não for à luta pelos seus ideais, ficará para trás. “Gosto de acompanhar esta juventude, sa-

ber o que eles estão pensando e o que eles pretendem para o futuro. Tenho um tamanho orgulho de ter uma filha imbuída em nossa causa, tendo sempre em seus temas a negritude. Agora sei que um dia posso partir realizado, porque alguém que sempre andou a meu lado seguirá na batalha dizendo a todos que nós somos e sempre seremos a resistência”, orgulha-se.





NOTA DE ESCURECIMENTO

Vale ressaltar que os exemplos citados, bem como o feminista, negro e LGBTQ+, são movimentos sociais que, por meio de suas ideologias, acabam por resultar em atos políticos.

Ativismo conservador

A onda de ativismos contrários às regras sociais impostas pelas gerações anteriores, despertou a necessidade de millennials favoráveis a forma como a sociedade está organizada à tornarem-se ativistas de modelos tradicionais e conservadores. Se surgiram ativistas pró união estável para pessoas do mesmo sexo, criou-se ativistas pró família tradicional brasileira. Em contraponto a mulheres que lutam pela regulamentação do aborto, se manifestam ativistas e religiosos “pró vida”, como é chamada a bandeira que luta contra o aborto.



Lauren Brasil

As tendências que a geração millennial mais ama

A Y é uma geração que surpreendeu muita gente, por ter uma grande diversidade de estilos, quando o assunto é moda. A cultura sneaker, o artesanato e ao mesmo tempo o gosto pelo luxo estão entre as características destes jovens. Apesar de consumir muitas marcas famosas, é um grupo nitidamente preocupado com questões ambientais, e passou a usar apenas as marcas com que se identificasse, impondo seu estilo próprio e não correndo atrás de todas as tendências da passarela.

A Stylus, empresa global de pesquisa e consultoria em inovação, em matéria publicada na revista Glamour Brasil, revelou que os interesses desta turma são distintos, classificando as três principais tribos de millennials.

A TURMA DO STREET STYLE: SKATE LUXE

A TURMA MINIMALISTA: UNIFORM PRAGMATISTS

Ser minimalista é ter um guarda-roupa com peças-chave. Preocupados com a qualidade do produto e com a sustentabilidade, aqui a ordem “menos é mais”.

A TURMA DAS MARCAS ESPORTIVAS: SPORTS FANS

Apaixonados por marcas esportivas, o grupo investe em conforto na hora de se vestir. Com um guarda-roupa composto por camisetões, jaquetas esportivas e calças, tudo com uma inspiração retrô. Ah, e esses jovens não dispensam o tênis do momento.

Suas peças favoritas são as combinações oversized, acessórios divertidos, bolsas e, é claro, o tênis que não pode faltar. Esses jovens estão dando um novo significado ao mercado de luxo, eles são apegados às suas grifes favoritas e geralmente são encontrados em filas de lançamentos de produtos exclusivos.

Podemos observar em nossas redes sociais que os 90's tem feito muito sucesso com essa geração, é extremamente raro encontrar um jovem ligado em moda que não tenha uma boa jaqueta jeans em seu closet.

De acordo com a jornalista pós-graduada em moda, Marcelle Ceolin, na década de 90 predominava a Era Grunge, que carregava muita inspiração musical na moda. “Temos muita referência dos anos 90 na moda de hoje, como camisa xadrez, calças rasgadas despojadas, que hoje voltou como grande tendência”, ressalta.

A moda dos anos 2000 pra cá teve os seus ciclos. A cada ano podemos observar que pelo menos uma tendência das décadas anteriores está presente nas passarelas e nas ruas. Segundo Rafaela Trajano, for-

mada em produção de moda, a geração y, resgatou muitos conceitos de moda de antigamente e trouxe para os dias atuais. “Recentemente tivemos a saia midi, a calça pantalon, os calçados Anabela... todas voltam com nomes diferentes e com alguns pequenos ajustes, mas a tendência é basicamente a mesma. Acredito que uma das características que mais se destacam nessa geração é ser apaixonado por isso. É uma geração que gosta de história, seja ela do país, do mundo ou dos avós, gosta de ouvir músicas antigas e assistir filmes e seriados mais antigos. E isso reflete diretamente na moda”, destacou.

Esta geração conhecida por ser conectada e muito consumista, também vem mostrando o seu lado de moda consciente e minimalista. “Por essa geração ser conectada, aumenta muito essa questão do consumo e do desejo de consumir porque a gente está o dia inteiro nas redes sociais e pela função até das falsas vidas perfeitas, mas essa questão da internet também gerou toda uma consciência, as pessoas ao mesmo tempo estão buscando digamos que uma corrente consciente em relação a isso”, explica a especialista Marcelle.



Os milleniuns, também conhecidos por Geração Y, desenvolveram-se na época do avanço tecnológico entre a década de 80 até o começo dos anos 2000 e fazem parte da maior revolução da história da humanidade: a Internet.



Josiane de Carvalho



Essa nova geração tende a questionar cada vez menos os pais, pois as respostas para suas mais diversas dúvidas estão a um “clique” de seu alcance.



Os millennials querem mudanças constantes, estão sempre à frente do seu tempo, são curiosos e buscam a cada dia novos desafios.



Existe uma expectativa muito grande em cima destes jovens. Se sentem pressionados a terem sucesso.



Essa geração pesquisa tudo na Internet antes de fazer qualquer compra, já gerações mais antigas confiam nas mídias tradicionais. Os milênios olham comentários de outros consumidores na rede virtual, enquanto outras gerações confiam em anúncios de televisão.





Novos olhos, mesmas letras

Para quem gosta, a leitura sempre foi uma melhor amiga nas horas mais solitárias. Digo isso porque funcionou assim para mim também, e tenho amigas e amigos que também se sentem do mesmo jeito quando tem um livro na mão. E o motivo de tal devoção por páginas com letras? A possibilidade de experimentar novas sensações. E isso em todos os sentidos. Pessoas choram, sorriem, sentem raiva e até se assustam com um livro na mão. Elas podem ser heróis, vilões, mocinhas e mocinhos, ou até mesmo um animal falante, ou um boneco de madeira. Esse é o poder da leitura. Você viaja, anos-luz, apenas virando as páginas.

Com a chegada da tecnologia, não foi só o surgimento de memes e a facilidade de achar o seu crush e saber cada detalhe da sua vida que inovaram a vida das pessoas, a forma como elas leem também. Quem precisa de um livro pesado, sendo carregado na mão ou na bolsa, quando se tem um celular? E isso virou moda atualmente. PDF's de clássicos em apenas um clique e às vezes, sem considerar a canalhice da parte dos desenvolvedores dos sites para download, de graça. Pegue o seu celular (independe da marca, não estou fazendo propaganda aqui) e cheque os aplicativos que você irá encontrar uma ferramenta para abrir qualquer tipo de livro bem aí (não fique triste se não encontrar, você pode baixar pela loja do seu celular, de graça. Eu também fiquei triste quando não achei no meu).

Você pode ler livros, fanfics e até poemas apenas com o toque de um dedo. Fanfics vem do termo fanfiction, que é uma história escrita por fãs. Essa história pode vir de um livro de ficção, de uma novela, filme ou série. O livro 50 tons de cinza, por exemplo, era uma fanfic da saga Crepúsculo, que virou uma história original. Este tipo de estória pode ser lida tanto pelo celular, quanto pelo computador, e baixada para se ler offline.

Os PDF's, com preços mais acessíveis ou disponibilizados gratuitamente, também foram uma salvação para os estudantes de universidades que não têm dinheiro nem mesmo para pagar um lanche, quem dirá um livro de 700 páginas. Porém, ler em um computador ou celular, para algumas pessoas, causa sono, e aí os trabalhos da faculdade são procrastinados. Então aí estão, os prós e contras. Você escolhe se vai aderir a essa moda ou não. A escolha, ainda é sua.

E a minha opinião sobre essa nova forma de leitura dos jovens? Bom, eu não posso continuar me enganando e dizer que sou nova porque eu não sou e, por isso, preciso do livro em mãos para entrar 100% na história, porque ler pelo celular ou computador sempre me deu sono. Porém, para toda regra há uma exceção, eu li os sete livros de Harry Potter em PDF e não senti sono, pelo contrário. Então, se eu consegui sobreviver a Ordem da Fênix (para quem não leu, é do tamanho da bíblia, velho e novo testamento), você consegue deixar para lá a sua idade avançada e apreciar um livro do seu gosto sem precisar ter ele em suas mãos. Sim, do seu gosto, porque se você não tem interesse pelo que está lendo, há menos motivos para virar a página e mais motivos para se desligar do celular.

VESTIBULAR #SOU + URCAMP

A sua oportunidade
começa aqui.

PROVA

09.dezembro

INSCRIÇÕES ABERTAS PELO SITE

www.urcamp.edu.br

**+20
cursos**


**CONSULTE
FINANCIAMENTOS**



BAGÉ

Cursos	Turno
Administração	N
Agronomia	N
Arquitetura e Urbanismo	N
Ciências Biológicas	N
Ciências Contábeis	N
Jornalismo	N
Direito	M/N
Educação Física-Licenciatura	N
Enfermagem	N
Engenharia Civil	N
Farmácia	N
Fisioterapia	N
Gastronomia	N
História	N
Medicina Veterinária	D
Nutrição	N
Pedagogia	N
Psicologia	N
Sistemas de Informação	N

ALEGRETE

Cursos	Turno
Administração	N
Ciências Contábeis	N
Direito	N
Educação Física - Licenciatura	N
Educação Física - Bacharelado	N
Medicina Veterinária	D

SANTANA DO LIVRAMENTO

Cursos	Turno
Administração	N
Ciências Contábeis	N
Direito	N

SÃO GABRIEL

Cursos	Turno
Administração	N
Direito	N
Educação Física - Licenciatura	N





Já estamos
vivenciando um nova



FAT/URCAMP



Jornal
minuano

